

O VERBAL E O VISUAL NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: LEITURA E LIÇÕES DE TEXTOS SINCRÉTICOS SOBRE COPA DO MUNDO DE FUTEBOL

Clebson Luiz de Brito*
Elisson Ferreira Morato**

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos algumas considerações sobre a leitura de textos sincréticos, que são aqueles construídos com diferentes linguagens, como palavras e imagens. Para isso analisamos quatro textos relativos às copas do mundo de 2010 e 2014 por meio da Semiótica Francesa e seus conceitos de *texto sincrético*, *plano de conteúdo*, *plano de expressão* e *semissimbolismo*, extraídos de Greimas e Courtés (2008) e Floch (1985). Pretendemos, assim, demonstrar como esses textos exigem uma abordagem, simultaneamente, das palavras e das imagens.

Palavras-chave: Leitura. Semiótica Francesa. Texto sincrético. Copa do mundo.

ABSTRACT

In this work, we present some considerations about syncretic texts reading, which are those composed of different languages, such as words and images. To realize it, we analyze four texts about the world cups of 2010 and 2014 using the French semiotics and its concepts of *syncretic text*, *content plan*, *expression plan* and *semi-symbolism*, drawing on Greimas and Courtés (2008) and Floch (1985). This way, we intend to demonstrate how these texts require an approach, simultaneously, of the words and the images.

Key words: Reading. French semiotics. Syncretic text. World cup.

INTRODUÇÃO

É comum encontrarmos uma crença geral de que, para entender um texto, interpretá-lo, é necessário sensibilidade e/ou perseverança e também a de que ele é uma produção verbal na qual as imagens, quando presentes, ocorrem apenas como ilustração. Desse modo entende-se o texto como algo distinto de imagem e asseveram-se certos dons, como sensibilidade, em detrimento de elementos constitutivos do próprio texto para realizar sua interpretação. A primeira dessas crenças, embora não seja de todo equivocada, desconsidera elementos mais objetivos do processo de leitura, ligados ao

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguístico, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: clebsonlb@gmail.com

** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguístico, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: elissonmorato@yahoo.com.br

conhecimento sobre como o sentido se constitui intradiscursivamente. Já a segunda desconsidera não só que os textos não verbais constituem um todo significativo, como também que o sentido pode ser veiculado numa relação entre duas ou mais linguagens nos chamados textos sincréticos.

Não raramente, os textos que circulam em nossa sociedade e com os quais nos confrontamos cotidianamente recorrem a diferentes tipos de expressão na produção do sentido ou exploram conjuntamente a linguagem visual associada com a verbal. Podemos citar como exemplo aqueles veiculados nas mídias impressa, virtual e televisiva. Isso mostra que a habilidade de leitura de textos sincréticos é, pois, necessária, mas pouco exercitada, sistematizada, havendo mesmo um descompasso entre o que se exige dos leitores e o que prevalece no senso comum acerca do processo de leitura.

Esse descompasso pode ser trabalhado, a nosso ver, com uma maior ênfase sobre os mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido, preocupação fundamental da teoria de que lançaremos mão neste trabalho: a Semiótica Francesa. Essa teoria toma o discurso contido no texto como a parte mais superficial e concreta do plano de conteúdo, parte essa resultante da enunciação. O plano de conteúdo, por sua vez, constitui o texto quando se liga a um dado plano de expressão, seja ele verbal, não verbal ou sincrético. Em Semiótica, a noção de texto já exclui, portanto, a possibilidade de restringi-lo apenas a realizações verbais.

Nesse caso, se a noção de texto é ampla e é preciso considerá-lo uma unidade de sentido, o que fazer para abordar produções sincréticas? Que elementos podem ser examinados de forma mais objetiva a fim de se apreender(em) o(s) sentido(s) em tais textos? O que pretendemos neste trabalho, longe de oferecer modelos e de buscar exaustividade em relação ao alcance da teoria empregada, é demonstrar que conhecer os mecanismos internos de constituição do sentido, tal como propõe a Semiótica Francesa, permite o desenvolvimento de habilidades relacionadas à leitura de textos sincréticos, especialmente aqueles construídos com elementos verbais e visuais.

1 ELEMENTOS DE ANÁLISE DA SEMIÓTICA FRANCESA

A proposta geral da Semiótica Francesa é a de que o sentido parte de uma forma mais simples e abstrata e vai se enriquecendo até atingir o grau de complexidade e concretude com o qual o leitor se confronta quando está diante de uma produção textual efetiva. Trata-se da postulação do chamado *percurso gerativo de sentido*, que é composto de três diferentes níveis, os quais, por sua vez, apresentam tanto um componente sintático, relativo aos arranjos dos conteúdos, quanto um componente semântico, relativo aos conteúdos investidos sobre os arranjos sintáticos. É por meio do percurso gerativo que, em Semiótica, se examina primordialmente o plano de conteúdo dos textos.

A prática analítica, no entanto, não requer que se observem todos os níveis do percurso gerativo, mas apenas aqueles que forem mais apropriados a uma análise específica. No nosso caso, vamos nos ater ao nível fundamental, patamar mais simples e abstrato, e ao componente semântico do nível discursivo, patamar mais superficial e concreto, resultado das operações da instância da enunciação. Observaremos também as relações significativas que se estabelecem entre o plano de conteúdo desses textos e seu plano de expressão.

Entre os dois níveis do plano de conteúdo que mencionamos – o fundamental e o discursivo –, há o nível narrativo, patamar no qual o sentido apresenta-se sob a forma de uma configuração narrativa abstrata em que os sujeitos se relacionam com objetos e outros sujeitos em busca de valores. Vamos nos ater, nesta apresentação da teoria, apenas aos níveis empregados nas análises deste trabalho, o que exclui o nível narrativo. Fica entendido, no entanto, que é na articulação desses três níveis que o sentido se constitui.

Cabe lembrar, ainda, que esse sentido ganha concretude quando é associado a um plano de expressão. O plano de expressão pode ser entendido como o nível que concretiza a textualização do discurso, já que é através da expressão que o discurso, ou aquilo que o texto diz, é apreendido.

O nível fundamental do plano de conteúdo é o patamar inicial do processo de geração do sentido, que se apresenta, do ponto de vista semântico, sob uma forma extremamente simples e abstrata. Essa forma pode ser apreendida como uma oposição semântica, por exemplo: /vida/ *versus* /morte/, /natureza/ *versus* /civilização/, /liberdade/ *versus* /opressão (dominação, coerção)/ etc. Para examinar um texto por esse primeiro nível do percurso gerativo, é preciso, portanto, realizar um processo de abstração que permita identificar uma forma elementar do seu sentido geral.

Essas oposições, como se vê pelos exemplos, apresentam uma contrariedade tal, que os termos se pressupõem de forma recíproca. O sentido de /liberdade/, por exemplo, não poderia existir sem a noção de /opressão/ e vice-versa. O mesmo se dá com oposições como /vida/ e /morte/, /natureza/ e /cultura/, /sacralidade/ e /profanidade/, entre outras. Ambos os termos se constituem, portanto, na relação de contrariedade que mantêm entre si. Ao mesmo tempo, essa relação de contrariedade pressupõe um nexos entre os termos. Como explica Fiorin (2006, p. 22), não faz sentido opor /sensibilidade/ a /horizontalidade/ porque nada há em comum entre esses termos; /masculinidade/, porém, se opõe a /feminilidade/, porque ambos pertencem ao domínio da sexualidade.

Apreendida a oposição semântica de base do discurso em análise, é preciso observar, ainda, o sistema de valores em que ela se inscreve. Em todos os discursos, um dos termos da oposição é marcado, *grosso modo*, com um traço de positividade e o outro, com um traço de negatividade. O traço de positividade recebe o nome de euforia, e o termo por ele marcado é definido como eufórico; o traço de negatividade, por sua vez, recebe o nome de disforia, e o termo por ele marcado é definido como disfórico (GREIMAS; COURTÉS, 2008).

Se, do ponto de vista semântico, o sentido no nível fundamental apresenta-se sob a forma de oposições gerais e abstratas e de um sistema axiológico, do ponto de vista sintático ele é apreendido a partir das operações lógicas e abstratas de asserção e negação (FIORIN, 2006, p. 23). Trata-se de operações que permitem que, dada uma determinada categoria semântica, possa haver uma transição de um termo a outro e, portanto, um percurso fundamental que dê conta do que se mostra na sucessividade do texto. Um relato sobre reflorestamento de áreas ou despoluição de rios, por exemplo, implica operações elementares: uma afirmação inicial da /civilização/, quando prevalecia a degradação do ambiente, seguida de uma negação desse termo – a /não civilização/ – e da afirmação final do termo /natureza/ (que constitui uma oposição com /civilização/).

Na leitura dos textos selecionados, faremos uma aplicação dos conceitos relativos ao nível fundamental, apresentado até aqui. Procuraremos demonstrar que se ater à organização simples e abstrata desse nível pode ajudar a organizar os dados mais superficiais, guiando a abordagem de textos sincréticos. Cumpre agora destacar o nível discursivo do percurso gerativo, sobretudo o seu componente semântico, uma vez que também será contemplado em nossa aplicação.

Temos nesse nível, “do ponto de vista sintático, os procedimentos de discursivização, que entram em jogo na instância da enunciação” (LARA, 2004, p. 47), pela ancoragem do texto-enunciado nas categorias de pessoa, tempo e espaço. A sintaxe discursiva compreende ainda os procedimentos que o enunciador utiliza para persuadir o enunciatário a aceitar o seu discurso: o fazer-creer.

Quanto ao componente semântico, ao qual daremos maior atenção nesta apresentação, nele “examinam-se os temas, as figuras e as isotopias, elementos que concretizam as estruturas do nível anterior (o narrativo)” (LARA; MATTE, 2009, p. 69). Temas são investimentos semânticos que não remetem ao mundo natural, mas auxiliam, em razão de sua natureza puramente conceitual, na interpretação da realidade (FIORIN, 2006, p. 91). As figuras discursivas, por sua vez, são “determinadas por traços ‘sensoriais’, que concretizam e particularizam os discursos abstratos” (BARROS, 2001, p. 117).

Há, no nível discursivo, duas possibilidades de concretização do sentido: a tematização e a figurativização. Elas se ligam, por sua vez, a dois diferentes tipos de textos que refletem duas formas de abordar/construir a realidade: 1) os temáticos, que procuram explicar, justificar a realidade; e 2) os figurativos, que criam um simulacro do mundo, produzindo, dessa forma, efeitos de realidade ou de referência, como explica Fiorin (2006, p. 91).

Já isotopia, termo emprestado da Física, designa, em Semiótica, a reiteração, recorrência de traços semânticos que garantem a coerência de um texto (BARROS, 2001, p. 124). A isotopia é aquilo que assegura um plano de leitura (LARA; MATTE, 2009, p.70), o que não impede que ela seja “quebrada” em um dado texto ou que ela se oponha ou se alie a outra de modo que se produzam efeitos de sentido diversos: de crítica, de humor, de estranhamento etc. Ater-se a esses dados mais superficiais do plano de conteúdo dos textos pode tornar a leitura de textos sincréticos mais produtiva, como procuraremos mostrar em nossas análises.

Antes de irmos a elas, porém, é preciso discutir a visão ampla de texto, de que já falamos, e, sobretudo, as possibilidades de apreensão de efeitos de sentido suscitados nas chamadas relações semissimbólicas. A diversidade de textos concebidos pela semiótica se deve à consideração de que eles podem ser construídos através de diferentes planos de expressão. Nesse caso, temos textos visuais, verbais, sonoros, gestuais, dados cada qual por um tipo de plano de expressão. No caso dos textos

sincréticos, temos a utilização de dois tipos de expressão: caso dos textos que analisamos neste artigo.

Os planos de expressão e de conteúdo podem se relacionar formando relações semissimbólicas. Nas relações semissimbólicas, uma categoria do plano de conteúdo se correlaciona com outra(s) presente(s) no plano de expressão. Trata-se de um conceito elaborado por Greimas e Courtés (2008) e amplamente desenvolvido por Floch (1985). Nos textos contendo elementos visuais, segundo Floch (1985, p. 14), estabelece-se uma relação entre o visível e o inteligível, “em que os dois termos de uma categoria do significante podem ser homologados àqueles de uma categoria do significado¹”. Desse modo, os conteúdos presentes no texto podem estabelecer correlações com os elementos de seu plano de expressão, como espacialidade, formas, cores.

Em uma gravura, por exemplo, a categoria semântica de base /morte/ vs /vida/ pode estar relacionada com a categoria cromática cores frias vs cores quentes. Um texto sobre preservação ambiental pode relacionar semissimolicamente a categoria /natureza/ vs /cultura/ com a categoria luz vs sombra. No caso dos textos sincréticos, podemos encontrar relações entre os dois componentes do plano de expressão (verbal e visual) ou de apenas um deles com o plano de conteúdo, caso em que a imagem se correlaciona com as categorias do conteúdo.

Nos textos analisados a seguir, mostraremos também como o plano de conteúdo do texto se relaciona com elementos do plano de expressão visual. As imagens e elementos visuais não atuam como meros coadjuvantes (a título de ilustração, por exemplo), mas como elementos essenciais na articulação do sentido.

Selecionamos, para a análise, quatro textos sincréticos que tratam, de alguma forma, de copa do mundo, tema mais que presente, atualmente, nos meios de comunicação. Dois deles são capas do caderno de esportes da *Folha de S. Paulo* sobre preparativos da seleção brasileira para a Copa do Mundo de 2010 e os outros dois são o slogan da Copa do Mundo de 2014, no Brasil, e uma charge também sobre a próxima copa.

¹ Tradução nossa de: “où les deux termes d’une catégorie du signifiant peuvent être homologues à ceux d’une catégorie du signifié”.

2 ANÁLISE DOS TEXTOS

Analizamos a seguir uma capa do caderno de esportes da *Folha de São Paulo* anterior à Copa do Mundo de futebol na África do Sul, em 2010, ocasião em que o técnico da seleção brasileira era o ex-jogador Dunga. Esta análise toma a capa do caderno como uma unidade de sentido em que entram em jogo tanto elementos da linguagem verbal como da visual, contrariando a ideia de que texto se restringe a produções verbais.



Figura 1: *Cartola das copas.*

Fonte: A Folha de S. Paulo, caderno D, pág. 1. 30/05/2010.

Há pelo menos dois elementos verbais que chamam nossa atenção no texto: 1) o uso do pronome possessivo em “Ricardo Teixeira e *seu* técnico, Dunga” (no alto à direita), o que indica que não se trata do técnico *da* seleção brasileira, mas o técnico *de* Teixeira; e 2) o verbo e seu modificador em “controla *de perto*” (embaixo à direita), os

quais dão a ideia de que Teixeira exerce um controle rigoroso sobre o trabalho do treinador, repetindo, segundo o enunciador-jornalista, o que se deu na Copa de 2002.

Esses dados revelam o exercício do poder pelo então dirigente da CBF sobre o seu técnico, o que concretiza uma forma mais simples e abstrata de sentido no texto em análise: /liberdade/vs/dominação/. Basicamente o discurso apresenta uma afirmação do termo /dominação/, tido como disfórico, ou seja, negativo, haja vista os elementos apontados. A afirmação desse termo, por sua vez, pressupõe o seu contrário, a /liberdade/, pois um termo não faz sentido sem o outro.

A linguagem visual, por sua vez, coloca em cena os dois atores discursivos de que a matéria trata: o então dirigente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira, e o então técnico da seleção brasileira de futebol, Dunga. A imagem dos dois atores não pode ser dissociada da totalidade do texto, pois não tem uma função meramente icônica ou referencial, mas sim concretiza a oposição semântica de base, configurando, com isso, relações semissimbólicas. As formas dos atores na imagem são significativas e se relacionam à categoria semântica de base /liberdade/vs/dominação/ e, mais especificamente, ao termo /dominação/, que é aquele que, como dissemos, se manifesta efetivamente no discurso.

Dunga se encontra de cabeça baixa, encurvado, enquanto Ricardo Teixeira se mantém ereto, formas que explicitam a condição de sujeição, subserviência do primeiro em relação ao segundo e da dominação deste sobre aquele. As formas dos atores, por isso, configuram a categoria eidética /ALONGADO/vs/CONTRAÍDO/, categoria essa que se relaciona à categoria semântica do plano de conteúdo (/liberdade/vs/dominação/) por denotar, respectivamente, agente e paciente da /dominação/.

Como se pode notar, o texto sincrético deve ser lido como uma unidade de sentido. Na análise realizada acima, tanto elementos verbais como visuais concretizam uma mesma oposição semântica, /liberdade/vs/dominação/, e a afirmação da /dominação/, termo disfórico. É tendo por base essa organização fundamental e sua relação com elementos visuais que a matéria apresenta a gestão do então dirigente da CBF, pela longa duração da /dominação/, poderíamos dizer, como uma verdadeira ditadura sobre o futebol brasileiro, representado pelo técnico da seleção nacional.

A análise do texto a seguir nos permite observar dados semelhantes aos dos obtidos anteriormente, sobretudo quanto à ocorrência de relações entre o plano de conteúdo e o plano de expressão envolvendo o componente verbal e o visual do texto.



Figura 2: U herói

Fonte: A Folha de S. Paulo, caderno D, pág. 1. 15/06/2010.

No texto em análise as conquistas do treinador Dunga ganham destaque por um caráter ambíguo: elas são tomadas tanto do ponto de vista esportivo, quanto político-administrativo. O primeiro viés, o mais nítido, pode ser visto, sobretudo por elementos verbais como *ganhar títulos*, *impor conquistar*, *tornar-se absoluto*, que, na semântica discursiva, estabelecem a oposição temática *vitória vs derrota*. Os elementos destacados configuram, assim, um percurso temático da conquista, que denota a trajetória vitoriosa do treinador à frente da seleção nacional. No nível fundamental, podem-se tomar as vitórias, conquistas de Dunga como a realização da afirmação do termo /vida/, termo eufórico da categoria de base /vida/ vs /morte/.

As conquistas do treinador, no entanto, como dissemos, têm no texto um caráter ambíguo. Se, por um lado, elas têm um valor positivo do ponto de vista esportivo, por

outro se mostraram meios pelos quais Dunga obtém outra conquista: a de poder. O trabalho do treinador à frente da seleção nacional de futebol é, desse modo, problematizado de um ponto de vista político-administrativo, o que passamos a destacar e a explicar agora.

No alto à direita, aparece a palavra *herói*, que designa uma personagem central do ponto de vista das ações, um protagonista, o que parece, pela posição em que está o termo, ser mais a expressão de um desejo do treinador que um elogio do enunciador. Para essa ideia de centralidade, convergem algumas palavras destacadas embaixo à esquerda: *ganhar*, *impor*, *conquistar*, *absoluto*, que apresentam uma espécie de gradação em que a trajetória de vitórias do treinador se confunde com uma escalada rumo a uma concentração de poder (lembramos que no texto 1, que é anterior a este que agora analisamos, Dunga se apresentava numa posição de sujeição, condição bem diferente da que o texto 2 lhe dá). Não por acaso, a reportagem na página seguinte, a continuação da matéria apresentada na capa em questão, tem o sugestivo título: *A seleção sou eu*.

No nível fundamental do plano de conteúdo, por isso, além de /vida/vs/morte/, encontramos a categoria semântica de base /individualidade/vs/coletividade/. No texto, Dunga concretiza a /individualidade/, que se sobrepõe à /coletividade/, formada pelos jogadores da seleção brasileira, que são apenas mencionados. O primeiro termo, por isso, é o disfórico, pois é concretizado como uma centralização de poder pelo técnico, que aparece como uma espécie de déspota do futebol um pouco antes da estreia do Brasil na Copa de 2010.

Nesse sentido as conquistas do treinador, além de concretizar a afirmação do termo eufórico /vida/ (da oposição destacada anteriormente), concretizam, sobretudo, tendo em vista o viés crítico do texto, um percurso fundamental de passagem do eufórico termo /coletividade/ ao disfórico termo /individualidade/. Legitimado pelas seguidas vitórias e conquistas, o treinador foi se impondo, passando a exercer um protagonismo negativo, associado a um exercício despótico do poder. Aos poucos a /coletividade/, anteriormente afirmada, foi sendo negada, pois os jogadores, que representam esse termo e são, em tese, os responsáveis pelo espetáculo, foram se apagando frente à figura do técnico. Desse modo, o texto afirma, ao final, o termo disfórico /individualidade/, representado pelo protagonismo do treinador, que, por isso, apesar das vitórias, não agrada.

No que diz respeito às relações semissimbólicas, estas são estabelecidas no texto a partir da categoria semântica /individualidade/vs/coletividade/. Observando o plano de expressão visual, notamos que Dunga é o único ator aparente e ocupa o centro da imagem, enquanto o plano de fundo é formado pela arquibancada, que, desfocada e aparentemente vazia, praticamente emoldura o ator do discurso. Dessa maneira, a categoria do plano de conteúdo /individualidade/vs/coletividade/ se relaciona com as categorias topológicas do plano de expressão /CENTRALIDADE/vs/EXTREMIDADE/ e /ENGLOBADO/vs/ENGLOBANTE/. Esses elementos do plano de expressão, por isso, ajudam a dar forma à crítica contida no texto, crítica segundo a qual o treinador Dunga exerce um protagonismo negativo e um poder centralizador, à semelhança de um déspota.

Mais uma vez, portanto, fica claro que é preciso tomar o texto sincrético como um todo de sentido, sentido esse que pode ser apreendido de forma mais objetiva pela observação dos elementos internos de significação. Além disso, fica claro que a imagem não serve apenas de ilustração nesse tipo de texto, mas sim é parte integrante dele, ajudando a constituir o sentido pelas disposições espaciais, cores e formas que coloca em jogo.

Na análise seguinte, analisamos a imagem divulgada pela FIFA em que se veicula o slogan oficial da Copa do Mundo de 2014, a ser realizada no Brasil. Nesse texto fica evidente que a visualidade não se restringe a imagens como as que foram vistas até aqui.



Figura 3: Slogan da Copa de 2014.

Fonte: Assessoria/FIFA (2012)

Iniciando nossa análise, observamos que, sobre um plano de fundo azul em tonalidades brancas, aparece a logomarca da Copa de 2014 lembrando a forma de um

troféu graças às mãos espalmadas sobre uma bola. Abaixo desse desenho aparecem os dizeres: *FIFA World Cup/Brasil* e mais abaixo, o slogan *Juntos num só ritmo*.

No nível fundamental do plano de conteúdo desse texto, encontramos novamente a oposição semântica de base /individualidade/vs/coletividade/, sendo o segundo termo o considerado eufórico. O termo eufórico, aliás, é aquele que efetivamente se realiza discursivamente, quer pela palavra *juntos*, quer pelas mãos que formam o desenho da logomarca (na forma de um troféu). Esse desenho tem relação, ainda, com outra oposição do plano de conteúdo, que é /homogeneidade/vs/heterogeneidade/. Observe-se que, em meio a mãos verdes, há uma que é amarela, sugerindo a /heterogeneidade/ presente na /coletividade/, a qual é formada por um conjunto de elementos individuais. A junção das individualidades heterogêneas em um único ritmo é outro elemento que remete a essa segunda oposição semântica apontada.

Na semântica discursiva, os elementos do nível fundamental se realizam como as seguintes oposições temáticas: *união vs desagregação* e *ritmia vs disritmia*. Enquanto a primeira alude à ideia de copa do mundo como ocasião de união de diferentes povos, a segunda alude à musicalidade e ao ritmo do país/povo que sediará o evento, alusão essa que configura uma intertextualidade do discurso esportivo com o discurso da brasilidade.

Essa relação intertextual com o discurso da brasilidade se dá também no plano de expressão do texto. Observe-se que as cores dominantes no plano de expressão são as mesmas da bandeira brasileira. Desse modo, podemos articular a relação semissimbólica através da categoria cromática do plano de expressão: /MONOCROMATISMO/ vs /POLICROMATISMO/. Nesse caso, os termos do plano de conteúdo /individualidade/ e /heterogeneidade/ se relacionam com o /MONOCROMATISMO/, isto é, com as cores isoladas (o azul, o branco, o verde e o amarelo) que ocorrem no plano de expressão, ao passo que a junção das diferentes cores, isto é, o /POLICROMATISMO/, se relaciona com os termos /coletividade/ e /homogeneidade/.

Nessa análise, assim, percebemos, em um texto relativamente pequeno e aparentemente simples, diversos efeitos de sentido. Nesse caso, além dos elementos verbais, as cores mobilizadas no plano de expressão se mostram significativas.

Chegamos agora ao último texto dos quatro que nos propusemos a analisar neste trabalho, texto esse que apresenta nítidas relações intertextuais com o texto anterior, mesmo porque o engloba, em parte, em seu plano de expressão. Veja-se, a seguir, que,

em primeiro plano, há uma tartaruga com capacete amarelo e papéis em verde e amarelo prestes a entrar por uma porta na qual se encontra a logomarca da Copa de 2014 com os dizeres *Comitê Organizador*.



Nesse texto, observamos a oposição semântica de base /estaticidade/vs/dinamicidade/, sendo o segundo termo o eufórico. No nível discursivo, essa oposição se concretiza, do ponto de vista temático, sobretudo por meio da isotopia da burocracia. A condução das obras e dos preparativos para sediar a Copa de 2014 é tida como lenta e ineficiente, o que nos remete às oposições temáticas: *ligereza vs vagarosidade* e *eficiência vs ineficiência*.

Além disso, a oposição semântica de base ganha concretude graças à logomarca do evento, a qual remete ao slogan do evento: *juntos num só ritmo*. A charge analisada dialoga com o slogan da Copa de 2014, subvertendo-o e, conseqüentemente, fazendo uma crítica às autoridades brasileiras. O ritmo, nesse caso, não alude à musicalidade brasileira, como vimos na análise anterior, mas sim tem a ver com a isotopia da burocracia. O andamento das obras para a realização do evento é tido como em um ritmo muito lento, uma quase arritmia, uma quase /estaticidade/. Do ponto de vista figurativo, isso é dado pela ambígua figura da tartaruga (que “atua” no Comitê Organizador), animal que fica a meio termo entre /estaticidade/ e /dinamicidade/. Com

efeito, já que se move de forma demasiadamente lenta, a figura da tartaruga concretiza o termo *neutro*, reunindo os subcontraditórios: /não estaticidade/ e /não dinamicidade/².

No plano de expressão, as categorias se relacionam, sobretudo, com as oposições temáticas. A tartaruga, que figurativiza a vagareza e a ineficiência do Comitê organizador, é uma forma curva e, principalmente, grande, que ocupa um espaço considerável na charge. A *vagariosidade* e a *ineficiência*, elementos relativos ao plano de conteúdo, se relacionam, assim, no plano de expressão, a /GRANDE/, da categoria eidética /GRANDE/vs/PEQUENO/, e, ainda, a /CURVILÍNIO/, da categoria também eidética /CURVILÍNEO/vs/RETILÍNEO/. A *ligeireza* e a *eficiência*, que não se mostram no discurso (são pressupostas), ficam relacionadas a /PEQUENO/ (por pressuposição) e a /RETILÍNEO/, tidos, que em geral, como traços do que é ágil, ligeiro. Aliás, /RETILÍNEO/, na charge, é a forma dos projetos carregados pela tartaruga, o que pode indicar que a *ligeireza* e a *eficiência* esperadas para as obras não saem do papel, já que os projetos estão na mão de um comitê ineficiente e lento, sendo executados a passos de tartaruga.

CONCLUSÃO

Buscamos demonstrar, neste trabalho, que os textos que apresentam mais de uma linguagem na composição de seu plano de expressão devem ser tomados como unidades de sentido, sentido esse articulado por elementos das diferentes linguagens empregadas. É possível, portanto, abordá-los melhor se entendermos como funcionam os mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido e como eles podem ser mobilizados na produção textual/discursiva, o que pode garantir uma leitura mais objetiva e, por que não, mais produtiva.

Além disso, buscamos demonstrar que abordar o texto sincrético como um todo de sentido implica estar atento às relações privilegiadas estabelecidas entre elementos do conteúdo e elementos da expressão. Como vimos nos textos examinados, as imagens

² No âmbito de descrição do quadrado semiótico, pode-se dar a união dos contrários e dos subcontrários numa relação, respectivamente, tal que /a/ + /b/ e /não a/ + /não b/. No primeiro caso, tomando-se a categoria /estaticidade/vs /dinamicidade/, o termo *complexo* implica a reunião desses dois termos da oposição. Aplicando-se a negação aos termos da categoria, chega-se aos subcontrários: /não estaticidade/ vs /não dinamicidade/, que, quando reunidos, constituem o termo *neutro* (cf. BARROS, 1988, p.20-24).

e outros elementos visuais não têm uma função dissociada da totalidade que é o texto nem se limitam a apenas veicular o sentido, mas sim ajudam a produzi-lo.

Estar atento a essas relações não implica necessariamente explorar recursos de forma técnica, como fizemos aqui, com o uso de categorias da expressão: topológicas, eidéticas ou cromáticas, na sua relação com categorias do conteúdo. O que deve ficar de nossas análises é a constatação de que elementos significativos não apenas podem ser apreendidos, por exemplo, sob a forma de oposições temáticas e/ou oposições semânticas mais gerais e abstratas, mas também que esses sentidos podem ser igualmente apreendidos nas formas, cores e disposições tópicas dos elementos da expressão.

Observar essas relações nos textos pode permitir ainda mais. Nos textos analisados tais relações permitiram que víssemos uma interdiscursividade em que o discurso sobre o esporte é perpassado pelo discurso político, burocrático e humorístico. Essa interdiscursividade gera, sobretudo, efeitos de sentido de crítica nesses discursos: à forma pouco democrática como o então dirigente da CBF controla o futebol nacional, à forma centralizadora como o então técnico conduziu a preparação da seleção de futebol para a Copa de 2010 ou ainda à morosidade nos preparativos para a Copa de 2014 pelo Brasil.

Conhecer os mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido e saber como eles podem ser mobilizados na produção textual/discursiva, em suma, ajuda a guiar a leitura, garantindo à interpretação um lado mais objetivo e produtivo. Demos mostra disso, aplicando algumas das categorias da Semiótica Francesa, teoria que, por permitir justamente o desnudamento dos mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido, oferece subsídios valiosos no desenvolvimento de habilidades de exame de textos sincréticos.

REFERÊNCIAS

A FOLHA DE SÃO PAULO. *O cartola das copas*. Capa do Caderno de Esportes. 30 mai. 2010.

_____. *U herói*. Capa do Caderno de Esportes. 15 de junho de 2010.

ASSESSORIA/FIFA. *Slogan da Copa de 2014*. Disponível em: <http://www.midianews.com.br/conteudo.php?sid=14&cid=121398>. Acessado em 04 de junho de 2012.

BARROS, Diana L. P. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.

_____. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2001.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLOCH, Jean-Marie. *Petits Mitologies de l'oeil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique*. Paris/Amsterdã: Hadès/Benjamins, 1985.

LARA, Gláucia. M. P. *O que dizem da língua os que ensinam a língua: uma análise semiótica do discurso do professor de português*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

LARA, Gláucia M. P.; MATTE, Ana Cristina F. *Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2009.

MATUTANDO. *Charge: comitê organizador da copa do mundo 2014*. Disponível em: <http://www.matutando.com/charge-comite-organizador-da-copa-do-mundo-2014/>. Acessado em 04 de junho de 2012.